

acesso livre



Co|@b

Educação & Ambiente

sob uma perspectiva universitária

RELATOS DE EXPERIÊNCIA | Volume 2

Gabriel Frazão Silva **Pedrosa**
William Velozo **Francioni**
Fany Pereira de Araújo **Soares**
|Organizadores|

Educação & Ambiente

sob uma perspectiva universitária

RELATOS DE EXPERIÊNCIA | Volume 2



Educação e Ambiente sob uma perspectiva universitária - relatos de experiência | Volume 2

ISBN 978-65-86920-06-2 (eBook)

Colab | Edições Colaborativas
contato@editoracolab.com
www.colab.com.br



Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações 4.0 Internacional

Direitos reservados à Editora Colab. É permitido download do arquivo (PDF) da obra, bem como seu compartilhamento, desde que sejam atribuídos os devidos créditos aos autores. Não é permitida a edição/alteração de conteúdo, nem sua utilização para fins comerciais.

A responsabilidade pelos direitos autorais do conteúdo (textos, imagens e ilustrações) de cada capítulo é exclusivamente dos autores.

Organizadores:

Gabriel Frazão Silva Pedrosa • William Velozo Francioni • Fany Pereira de Araújo Soares

Autores:

Claudia Cristina Rolim da Silva, Erliandro Félix Silva, Fany Pereira de Araújo Soares, Gabriel Frazão Silva Pedrosa, Heitor Pereira de Araújo Soares, Karin Gerlach Dietz, Maurício Dália Neto, Mônica Coelho Sant'Ana, Warley Almeida Santos, William Velozo Francioni

Conselho Editorial e Responsabilidade Técnica

A Colab possui Conselho Editorial para orientação e revisão das obras, mas garante, ética e respeitosamente, a identidade e o direito autoral do material submetido à editora.

Conheça nossos Conselheiros Editoriais em <https://editoracolab.com/sobre-n%C3%B3s>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Gabriel Frazão Silva Pedrosa (Org.); William Velozo Francioni (Org.); Fany Pereira de Araújo Soares (Org.)
-Vários autores-

Educação e Ambiente sob uma perspectiva universitária [livro eletrônico]: relatos de experiência – Volume 2

Uberlândia, MG : Editora Colab, 2020.

1,4 MB ; PDF

Bibliografia

ISBN 978-65-86920-06-2

1. Educação - Ambiente. 2. Relatos de Experiência. 3. Formação Docente.

**Índices para catálogo sistemático: Reatos de Experiência sobre Educação e Ambiente
370 – Educação**

APRESENTAÇÃO

Buscou-se por meio da organização dessa obra, o compartilhamento de estudos e pesquisas que versassem sobre Relatos de Experiência, bem como as nuances existentes na ampla gama deste campo metodológico. Por entre as mais diversas particularidades que integram o processo de ensino-aprendizagem, discutir as vivências obtidas durante um longo percurso no ambiente acadêmico com vistas a formação do profissional educador se faz de extrema importância, para que assim, seja possível o (re) conhecimento pelos mais diversos tipos de leitores ávidos por conhecimento.

Assim, a presente obra, em seu segundo volume, reuniu três pesquisas, que em forma de capítulos, serão desbravados guiando-se pela narrativa da participação e observação dos autores. Englobando desde a contextualização primária dos tópicos, perpassando por entre procedimentos metodológicos, discussão das observações e até mesmo, proposição de intervenções com a finalidade de contribuir ainda mais para a transformação do saber.

Esperamos que esta obra possa trazer (re) significações ao término de sua leitura, convido-lhe a adentrar ao campo dos Relatos de Experiência.

Gabriel Frazão Silva Pedrosa
William Velozo Francioni
Fany Pereira de Araújo Soares
|Organizadores|

Sumário

APRESENTAÇÃO	05
---------------------------	-----------

CAPÍTULO 1 |

O atendimento a alunos com Transtorno do Espectro Autista em seu processo educacional por intermédio do mediador facilitador

Gabriel Frazão Silva Pedrosa	
William Velozo Francioni	
Erliandro Félix Silva	
Mônica Coelho Sant'Ana	
Fany Pereira de Araújo Soares	
Karin Gerlach Dietz	07

CAPÍTULO 2 |

A comunicação alternativa como método de ensino-aprendizagem para aluno surdo

William Velozo Francioni	
Erliandro Félix Silva	
Warley Almeida Santos	
Gabriel Frazão Silva Pedrosa	
Karin Gerlach Dietz	17

CAPÍTULO 3 |

Jogos como uma contribuição positiva ao meio ambiente e sociedade

Fany Pereira de Araújo Soares	
Heitor Pereira de Araújo Soares	
Claudia Cristina Rolim da Silva	
Gabriel Frazão Silva Pedrosa	
Maurício Dália Neto.....	29

SOBRE ORGANIZADORES E AUTORES	40
--	-----------

ÍNDICE.....	43
--------------------	-----------

O atendimento a alunos com Transtorno do Espectro Autista em seu processo educacional por intermédio do mediador facilitador

Gabriel Frazão Silva Pedrosa

Mestrando em Educação Física
Universidade Federal do Rio de Janeiro
gabrielpedrosa@ufrj.br

William Velozo Francioni

Mestrando em Linguística Aplicada
Universidade de Taubaté
w.francioni@gmail.com

Erliandro Félix Silva

Mestrado em Linguística Aplicada
Universidade de Taubaté
leandro.felix1980@gmail.com

Mônica Coelho Sant'Ana

Especialista em Neuropsicopedagogia
Universidade do Norte do Paraná
monicasantana.educacao@gmail.com

Fany Pereira de Araújo Soares

Mestre em Ensino na Saúde e Tecnologia
Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas
fany.fpas@gmail.com

Karin Gerlach Dietz

Doutora em Educação
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
karingdietz@gmail.com

RESUMO: O objetivo deste estudo propõe-se a descrever o processo educacional de um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA) a partir da inserção de um mediador facilitador neste meio. Este estudo trata-se de uma abordagem descritiva e qualitativa, do tipo relato de experiência, elaborado no contexto de estágio não-obrigatório, que tinha como principal atribuição a de ser mediador no processo de formação socioeducacional de um aluno com TEA. É importante que o educador venha a interagir com o educando, sabendo reconhecer as necessidades educacionais deste, bem como, suas limitações e transposições na realização de tarefas simples e complexas. É de suma importância que os professores regentes, sobretudo os mediadores facilitadores, enquanto graduandos em cursos de licenciatura, tenham um plano de formação inicial e continuada acerca de ampliação e aquisição de conhecimentos quanto às nuances do Transtorno do Espectro Autista.

Palavras-chave: Educação; Educação inclusiva; Estágio.

Como citar este trabalho:

PEDROSA, G.F.S.; FRANCIONI, W.V.; SILVA, E.F.; SANT'ANA, M.C.; SOARES, F.P.A.; DIETZ, K.G. O atendimento a alunos com Transtorno do Espectro Autista em seu processo educacional por intermédio do mediador facilitador. In: PEDROSA, G.F.S.; FRANCIONI, W.V.; SOARES, F.P.A. **Educação e Ambiente sob uma perspectiva universitária: relatos de experiência**. 1Ed. Volume 2. Editora Colab, 2020. p.7-16.

INTRODUÇÃO

A demanda por uma educação igualitária é assunto recorrente no atual cenário educacional, sobretudo no que se refere à inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em escolas de ensino regular. Ainda que exista amplo debate em torno dessa temática, ocorre uma série de limitações em torno da exequibilidade da prática da inclusão e o papel do professor ou mediador facilitador, para que possa se considerar apto para lidar com as adversidades provenientes do ensino (BARBOSA *et al.*, 2013).

A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na rede de ensino regular não implica tão somente na sua permanência em sala de aula como um sujeito passivo. Pelo contrário, implica a necessidade de uma reorganização do sistema educacional, que busque meios para superar a simples inserção física, o que acaba por gerar uma ampliação do olhar sobre os paradigmas educacionais na busca de possibilitar o pleno desenvolvimento do educando (MACEDO, 2015).

Com o crescente quantitativo de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas salas de aula, surge, também, a necessidade de um mediador facilitador que permita a promoção de desenvolvimento do aluno no seu processo educacional (LAKATOS; MARCONI, 2003). A partir das políticas públicas que visam a inclusão destes alunos, é possível o acesso a um sistema educacional inclusivo nos diversos níveis de ensino e que haja um atendimento realizado para desenvolver atividades com vistas à inclusão dos aprendizes. Entretanto, faz-se necessário refletir sobre o papel do professor ou mediador facilitador, visto que este deve encontrar-se apto a receber os alunos, sem que possa haver distinção, comparação ou até a exclusão destes.

A justificativa para abordagem desta pesquisa dá-se em virtude dos crescentes avanços advindos das políticas educacionais que permitiram o acesso de crianças com TEA no ensino regular, fazendo-se interessante discutir o processo educacional em sala de aula a partir da ótica do mediador facilitador.

A relevância para os meios sociais é significativa a partir da possível compreensão da temática; para o meio acadêmico, permitirá a abordagem de uma maneira ampla sobre eventuais metodologias a serem empregadas em um ambiente escolar; para o meio científico, uma possibilidade de ressignificação dos estudos na área.

O objetivo deste estudo propõe-se a descrever o processo educacional de um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA) a partir da inserção de um mediador facilitador neste meio.

METODOLOGIA

Este estudo trata-se de uma abordagem descritiva e qualitativa, do tipo relato de experiência (PEDROSA; BARROS, 2020), elaborado no contexto de estágio não-obrigatório, que tinha como principal atribuição a de ser mediador no processo de formação socioeducacional de um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

A base metodológica deste estudo advém da descrição de características obtidas por meio de análise minuciosa e descritiva do objeto de estudo, onde o mediador facilitador discorre acerca das atividades e os processos que as envolvem em sala de aula, contribuindo para tanto, com a concretização do alcance do objetivo deste estudo de acordo com a metodologia empregada (LAKATOS; MARCONI, 2003; PEDROSA, 2020).

Para Triviños (1987), esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade, exigindo do pesquisador diversas informações.

As atividades ocorreram em uma escola da rede municipal de ensino, com sede na cidade do Rio de Janeiro (RJ), localizada na Zona Sul da região metropolitana do Rio. Tal campo engloba cerca de 8 mil alunos, entre crianças e jovens com Transtorno do Espectro Autista (TEA), e conta com pouco mais de 1.115 professores para prestação dos devidos atendimentos a esta clientela. A ocorrência temporal depreendeu-se entre agosto de 2018 e agosto de 2019 nas dependências da referida escola (RIO DE JANEIRO, 2018).

O aluno passível de acompanhamento trata-se de uma pessoa diagnosticada por médico psiquiatra como portadora do Transtorno do Espectro Autista (TEA), com idade de 10 anos, matriculado no 4º ano do Ensino fundamental I, em turma regular na rede de ensino. Sua inserção em sala de aula dava-se com o apoio do mediador facilitador, um estagiário dos anos finais de um curso de licenciatura que prestava atendimento acerca das contribuições ao processo educacional do aluno. A abordagem da mediação por intermédio do estagiário decorre da perene necessidade de acompanhamento do aluno em seu período escolar, haja visto que o mesmo, em determinados momentos, apresentava quadros de agressividade.

RESULTADOS

Faz-se formidável salientar que as atividades para o aluno em questão eram adaptadas de acordo com o que era abordado pela professora regente da turma, que geralmente possuíam relação com as atividades propostas pelo material didático adotado na escola, permitindo, também, que fossem equiparadas com as experiências do aluno e de sua realidade social, que admitiam um processo educador mútuo.

A necessidade de adaptação das atividades propostas em sala de aula, além de garantir o aprendizado dirigido do aluno, direcionava-o com intuito de diminuir a dispersão por eventual tempo ocioso que viesse a permitir execução de comportamentos não adaptativos ao ambiente, alguns até agressivos, como jogar-se no chão, promover gritos, debater-se, jogar objetos em direção dos colegas e educandos, entre outras atitudes, o que gerava receio por parte dos outros colegas de turma em se aproximarem do aluno. Sem contar o fato de que, as atividades adaptadas, em determinados momentos, se englobavam aos demais estudantes da classe, os quais realizavam as tarefas com vistas a promover a inclusão do aluno com TEA em sala de aula.

Durante a realização das atividades adaptadas, a exemplo, alfabeto móvel – que permitia associação de letras a formar sílabas e palavras; bola ao alto – estímulos corporais por meio da aula de educação física; biblioteca musical – através da percepção sensorial dos sons de instrumentos, o aluno, na maioria dos casos, mostrou-se interessado na execução destas atividades, sendo que algumas possuíam níveis de complexidade maiores em determinados períodos, para que pudesse contribuir na percepção de etapas que eram avançadas a medida em que as atividades eram solucionadas e surgiam novas demandas. Poucos momentos não contaram com a participação do aluno, em geral, quando o mesmo apresentava níveis elevados de irritabilidade. No entanto, após a execução das atividades as quais se dispunha a realizar, o aluno sempre trazia uma folha ao seu alcance e promovia desenhos dos mais diversos tipos, de acordo com sua vontade, como forma de expressão.

Em raros momentos, houve notória situação de desconhecimento de possíveis práticas a serem adotadas mediante ocorrências no ambiente escolar, quando, em alguns casos, os tutores mais próximos do estudante, em determinado momento, não souberam reagir frente às adversidades.

Nestes momentos, o mediador facilitador, com auxílio da professora regente, acrescido do apoio da especialista em educação inclusiva que acompanhava os alunos no contraturno, formulavam medidas que pudessem solucionar os casos apresentados, como momentos de fúria e agressividade, quando o aluno pudesse vir a machucar-se ou a outrem. Então, o aluno era encaminhado para a sala de apoio, onde a profissional especialista realizava tentativas de acalmá-lo e mantê-lo seguro.

DISCUSSÃO

É importante que o educador venha a interagir com o educando, sabendo reconhecer as necessidades educacionais deste, bem como suas limitações e transposições na realização de tarefas simples e complexas. O processo sócio-interacional permite a criação de vínculos e resulta em aspectos a serem considerados no processo de mediação com o aluno com transtorno do espectro autista (MACEDO, 2015).

Vygotsky *apud* Macedo (2015) avalia que deve ser considerada todas as experiências pessoais do educando, não sendo passível de nulidade sua trajetória de vida, seja ela baseada no contexto escolar ou para além deste. Para ele, a educação só é estabelecida a partir das experiências vivenciadas pelo aluno, que é advinda pelo meio, cabendo ao professor organizar e regular este meio para que, assim, venha a adaptar para a realidade de suas práticas docentes.

A valorização dos desafios propostos nas atividades, de acordo com cada nível alcançado, dá-se em virtude do empobrecimento curricular para os alunos com Transtorno do Espectro Autista inseridos em escolas regulares, que acabam promovendo uma sucessão de atividades isoladas e repetitivas com sua grande maioria contendo teor infantilizado, que pouco promove mudanças significativas no aprendizado destes alunos (MACEDO, 2015).

Ainda durante a graduação, é comum que os alunos, sobretudo os das licenciaturas tenham receio em colocar em prática o aprendizado que outrora ocorrera dentro do ambiente da academia. A realidade em sala de aula muitas vezes não é contemplada como realmente deveria ser, tampouco de perto o que poderia ser. É durante as práticas de estágio que os graduandos, então estagiários, percebem a responsabilidade que lhes é atribuída por entre as práticas de ensino. Em que implique, em alguns casos, uma formação aquém daquilo que deveria ser preparado, afim de que se evitasse entraves que poderiam ser sanados com um processo de formação eficaz e centrado nas multi-pluralidades existentes no corpo discente escolar.

A deficiente formação de professores quanto ao atendimento de alunos com deficiência pode, por vezes, representar uma barreira na implementação de propostas inclusivas nos espaços escolares. Isso determina como a criança se desenvolve, cabendo maciço trabalho de formação continuada, que garanta a reversibilidade de um possível quadro negativo (MACEDO, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com relação às atividades pedagógicas propostas em sala de aula, suas práticas por intermédio do mediador, contribuíram no desenvolvimento do aluno, a partir de que o mediador consegue atentar-se às ações da criança, notando quais atividades o educando conseguia realizar de maneira autônoma e quais possuía relativa dificuldade em sua execução.

É de suma importância que os professores regentes, sobretudo os mediadores facilitadores, enquanto graduandos em cursos de licenciatura, tenham um plano de formação inicial e continuada acerca de ampliação e aquisição de conhecimentos quanto às nuances do Transtorno do Espectro Autista (TEA) de seus alunos incluídos no ensino regular, para que possam conhecer abordagens para serem trabalhadas e que garantam o pleno desenvolvimento do educando.

A partir da Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, que rege diretrizes para a participação social na formulação de políticas públicas, há necessidade de que sejam planejadas a fim de que concretizem uma assistência direcionada às necessidades e limitações de uma criança com transtorno do espectro autista. Novas pesquisas podem ser abordadas com base neste estudo para relatar as condições inerentes ao processo de educação por parte do auxílio do mediador, enquanto principal elo do educando com o ambiente escolar no momento em que lhe são delegadas tarefas que contribuam no desenvolvimento do aluno.

É possível perceber a importância do estágio desenvolvido pelo licenciando para sua contribuição humanística e laboral enquanto futuro docente, sobretudo no tanger dos atendimentos prestados aos alunos com necessidades educacionais especiais, tendo em vista que seu trabalho como mediador propiciou contribuições valorativas no desenvolvimento do educando.

A mediação facilitadora do processo educacional realizada pelo estagiário por meio do estágio não-obrigatório mostra-se como potencial promotora de múltiplas aprendizagens entre escola e sociedade, mediador e aluno, ao propor discussão sobre temáticas por vezes negligenciadas pela sociedade ao não garantirem acesso aos direitos básicos constituídos às pessoas com Transtorno do Espectro Autista, a exemplo, o impedimento de acesso ao ensino regular; e sugerir medidas que possam transpor barreiras desenhadas por estigmas populacionais, possibilitando o potencial do aluno e alcance de sua autonomia em sala de aula e fora desta.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, A. M. *et al.* O papel do professor frente à inclusão de crianças com autismo. In: XI Congresso Nacional De Educação, 11., 2013, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: PUCPR, 2013. p. 19776-19792. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/7969_6165.pdf. Acesso em: 12 abr. 2020.
- LAKATOS, E. M. A.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003
- MACEDO, CRS de. **A criança com transtorno do espectro autista (TEA) e o professor**: Uma proposta de intervenção baseada na experiencia de aprendizagem mediada (EAM). 2015. 163 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/20038/1/ClaudiaRobertoSoaresDeMacedo DISSERT.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2020.
- OLIVEIRA, A. K. S.; MARTINS, A. B.; LOURINHO, S. S. A contribuição do estagiário no desenvolvimento do aluno com transtorno do espectro autista (tea) em sala de aula. In: VI congresso nacional de educação, 6., [2010], Belém. **Anais [...]**. Belém: Realize, [2010]. p. 1-8. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/trabalho_ev127_md1_sa10_ID2527_23082019181742.pdf. Acesso em: 12 abr. 2020.
- PEDROSA, G. F. S. O uso de tecnologias na prática docente em um pré-vestibular durante a pandemia da covid-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 2, n. 6, p. 86-91, june 2020. ISSN 2675-1488.
- PEDROSA, G. F. S. The Educational Development of Autistic Students. **International Journal of Innovative Science and Research Technology (IJISRT)**, www.ijisrt.com. ISSN-2456-2165, v. 5, n. 4, 2020.
- PEDROSA, G. F. S.; BARROS, L. A. A. **Atuação do enfermeiro no acompanhamento do desenvolvimento infantil na atenção básica**. In: SOMBRA, Isabelle Cordeiro De Nojosa (Org.). Discursos, saberes e práticas da enfermagem. 5. ed. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019. Disponível em: <<http://10.22533/at.ed.809192312>>. Acesso em: 26 jun. 2020.
- PEDROSA, G. F. S.; BARROS, L. A. A. The Practice of the Nursing Professional in Child Development. **International Journal of Innovative Science and Research Technology**, v. 5, n. 4, p. 1-3, 2020. Disponível em: <<https://www.ijisrt.com/assets/upload/files/IJISRT20APR721.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2020.
- PEDROSA, G. F. S.; DIETZ, K. G. A prática de ensino de arte e educação física no

contexto da pandemia da covid-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 2, n. 6, p. 103-112, june 2020. ISSN 2675-1488.

RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Ensino. Secretaria Municipal de Ensino (org.). **Como Funciona a Educação Especial na Rede**. Disponível em: http://www0.rio.rj.gov.br/sme/leia_tambem/edesp.htm. Acesso em: 12 abr. 2020.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

A comunicação alternativa como método de ensino-aprendizagem para aluno surdo

William Vellozo Francioni

Mestrando em Linguística Aplicada
Universidade de Taubaté
w.francioni@gmail.com

Erliandro Félix Silva

Mestrado em Linguística Aplicada
Universidade de Taubaté
leandro.felix1980@gmail.com

Warley Almeida Santos

Mestre em Ciências
Universidade Federal de São Paulo
wharleysan@gmail.com

Gabriel Frazão Silva Pedrosa

Mestrando em Educação Física
Universidade Federal do Rio de Janeiro
gabrielpedrosa@ufrj.br

Karin Gerlach Dietz

Doutora em Educação
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
karingdietz@gmail.com

RESUMO: O estudo tem por objetivo descrever o processo educacional de um aluno surdo a partir da inserção do mediador nesse meio. Este estudo caracteriza-se como sendo descritivo com abordagem qualitativa, do tipo relato de experiência. Entre agosto de 2018 até julho de 2019, em prática supervisionada, por estagiário, que atuava como mediador de aluno surdo, auxiliando-o no processo de inclusão educacional. Durante as aulas, eram utilizadas placas de comunicação alternativa, as quais eram compostas de imagens que representavam ações ou objetos, acrescido de outros signos que englobasse o cotidiano do aluno, no intuito de permitir a comunicação deste com os demais integrantes da sala. Constatou-se os benefícios obtidos com tal prática e sugere-se a adoção do instrumento trabalhado, tendo em vista os benefícios levados ao aluno e ao corpo escolar.

Palavras-chave: Surdez; Comunicação alternativa; Educação inclusiva

Como citar este trabalho:

FRANCIONI, W.V. SILVA, E.F.; SANTOS, W.A.; PEDROSA, G.F.S.; DIETZ, K.G. A comunicação alternativa como método de ensino-aprendizagem para aluno surdo. In: PEDROSA, G.F.S.; FRANCIONI, W.V.; SOARES, F.P.A. **Educação e Ambiente sob uma perspectiva universitária: relatos de experiência**. 1Ed. Volume 2. Editora Colab, 2020. p.17-28.

INTRODUÇÃO

Com o advento dos últimos anos, houve uma constante conscientização acerca da necessidade em se proporcionar às crianças que possuem alguma necessidade complexa de comunicação, sendo considerado, em função disso, o uso de comunicação alternativa. Tal metodologia pode incluir o uso de placas/livros manuais, placas de comunicação/livros e, até mesmo, uso de dispositivos eletrônicos, como tablets e celulares, entre outras formas de comunicação. O emprego da comunicação alternativa para com as crianças que possuam alguma necessidade complexa de comunicação encontra-se inserido nas propostas de atendimento educacional aos alunos surdos (BINGER; LUZ, 2006).

O ensino-aprendizagem dos discentes surdos acontece por meio de processos imagéticos de significação, uma vez que a visualidade é uma característica presente em surdos. Dessa forma, torna-se imprescindível pensar em metodologias e estratégias que contemplem o campo gesto-visual (FERNANDES, 2006).

A LIBRAS possui todos os componentes linguísticos das línguas orais, como os aspectos gramaticais, semânticos, sintáticos, morfológicos dentre outros. Traz, assim, as mesmas complexidades inerentes às línguas orais-auditivas. Posto isso, por meio dessa língua é possível transmitir, expressar emoções, sentimentos e quaisquer conceitos abstratos. Karnopp e Quadros (2004, p. 31) explicitam que:

As pessoas pensam que as línguas de sinais são de fácil aquisição por estarem diretamente relacionadas com o sistema gestual utilizado por todas as pessoas que falam uma língua. Como isso não é verdade, as línguas de sinais são tão difíceis de serem adquiridas quanto quaisquer outras línguas. Precisamos de anos de dedicação para aprender uma língua de sinais, mas com base neste mito, as pessoas pensam que sabem a língua de sinais por usarem alguns gestos e alguns sinais que aprendem nas aulas de língua de sinais (KARNOPP; QUADROS, 2004, p. 31).

Cabe aqui, destacar dois pontos importantes. Primeiro, nem todos os surdos conhecem a língua brasileira de sinais; segundo, os alunos ouvintes experimentam a língua oral desde pequenos, uma vez que os seus pais compartilham dessa mesma comunicação. Os surdos protagonizam um cenário diferente, visto que em 95% dos casos, seus pais desconhecem ou rejeitam as línguas de sinais, logo, esse contato tardio, apenas será possível, somente na escola. O segundo ponto, diz respeito aos comprometimentos de natureza intelectual, física e motora que podem demandar, maior dificuldade na sinalização ou a ausência e o desconhecimento da LIBRAS (QUADROS, CRUZ, 2011).

Lloyd e Blischak *apud* Kruger *et al.* (2017) ponderam que alguns termos utilizados em inglês, como *augmentative*, não são facilmente traduzidos para outros idiomas (LLOYD; BLISCHAK, 1992, p. 104). Por mais que haja ocorrência deste fato, aqui será adotado a descrição a seguir:

Os sistemas de comunicação suplementar e alternativa destinam-se a complementar, potencializar e ou substituir a fala ou a escrita de pessoas com deficiência e necessidades complexas de comunicação, ampliando as possibilidades de desenvolvimento da recepção, compreensão e expressão da linguagem destas (MASSARO; DELIBERATO, 2017, p.1480).

Kruger *et al.* (2017) complementam que este sistema se trata de uma atividade semiótica, composta de signos verbais e não-verbais, que permitem formas de interações dialógicas, que favorecem a apropriação da linguagem e do conhecimento, propiciando possibilidades maiores de constituição plena do sujeito com significativas limitações de fala.

Existe uma maior conscientização sobre a necessidade em se fornecer comunicação alternativa para usuários que possuam outros tipos de deficiências, haja visto que tal método pode produzir ganhos na comunicação (BINGER; LUZ, 2006).

A justificativa para esta pesquisa deve-se aos correntes avanços nas políticas sociais e educacionais, que têm contribuído para o devido acesso de crianças surdas na educação regular, tornando interessante discutir o processo educacional em sala de aula na perspectiva do sujeito mediador. Além disso, há uma escassez de estudos voltados para o uso de comunicação alternativa para crianças surdas, que não são fluentes ou desconhecem a LIBRAS, e ainda, aquelas crianças surdas que apresentam outros comprometimentos que dificultam tal aprendizado e a interação em sala.

A relevância para o campo da sociedade torna-se significativa a partir da eventual compreensão da temática; para o ambiente acadêmico, faz permitir uma abordagem ampliada sobre possíveis formas metodológicas a serem empregadas em um ambiente escolar; ao ambiente científico, possibilidade de resignificação dos estudos na área (PEDROSA, 2020).

O objetivo deste estudo é descrever o processo educacional de um aluno surdo a partir da inserção de um mediador estagiário nesse meio, utilizando uma estratégia de comunicação para o ensino aprendizagem, além da língua brasileira de sinais.

METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como sendo descritivo com abordagem qualitativa, do tipo relato de experiência (PEDROSA; BARROS, 2019, 2020). As experiências aqui relatadas são decorrentes do contexto de estágio não-obrigatório para licenciaturas, realizado em uma escola localizada na região zona sul da cidade do Rio de Janeiro (RJ). Durante o período que compreende agosto de 2018 até julho de 2019, houve a prática supervisionada como forma de estágio. Tal atividade tinha como principal objetivo a inclusão de aluno surdo nas aulas sequenciais ministradas durante o ano letivo.

Este campo educacional inclui cerca de 8.000 alunos¹, entre crianças e jovens com necessidades educacionais especiais, e conta com pouco mais de 1.115 professores para prestar os cuidados necessários a essa clientela, além dos estagiários mediadores que auxiliam no processo educacional.

A base metodológica deste estudo decorre da descrição das características obtidas por meio de uma análise minuciosa e descritiva do objeto do estudo, contribuindo, para isso, com a realização do objetivo deste estudo segundo a metodologia utilizada (PEDROSA, 2020).

Para coleta de dados foi realizado um conjunto de anotações em diário e preenchimento de fichas de supervisão do estagiário, entregues à professora regente de classe, à medida em que aconteciam as aulas e havia ou não a presença de ocorrências que pudessem pontuar ações a serem observadas durante o processo de ensino-aprendizagem do aluno. Os dados foram analisados mediante o processo de análise de conteúdo, que serviram para embasamento da escrita do presente estudo. A escolha por tal técnica de análise de dados se deu em virtude da similaridade dos resultados passíveis de tal metodologia.

Esta pesquisa atende aos critérios da Resolução nº 510/2016 - CNS (Conselho Nacional de Saúde), que de acordo com seu tipo metodológico de pesquisa não necessita de registro no sistema CEP/CONEP (Comitê de Ética em Pesquisa).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante cerca de um ano, ocorreu o acompanhamento de um aluno surdo, o qual estava integrado em uma turma de 4º ano do ensino fundamental I.

¹ Disponível em: http://www0.rio.rj.gov.br/sme/leia_tambem/edesp.htm Acesso em: 01/07/2020.

As atividades realizadas com este aluno, por meio do mediador e com apoio da professora regente, eram adaptadas, no entanto, equiparadas ao conteúdo ministrado em sala de aula, todavia, compreendendo suas limitações.

Assim como nos estudos analisados por Massaro e Deliberato (2017), as questões concernentes ao suporte acadêmico, no que diz respeito à comunicação alternativa prestada pelos professores às crianças com deficiência, ocorreu um processo de adaptações de atividades e estratégias pedagógicas que pudesse permitir a inclusão de todos os envolvidos, abarcando então, contação de histórias infantis, músicas com legenda em LIBRAS, entre outras atividades.

Durante as aulas, eram utilizadas placas de comunicação alternativa, as quais eram compostas de imagens e sinais em LIBRAS que representavam ações ou objetos, no intuito de permitir a comunicação deste com os demais integrantes da sala.

As placas de comunicação foram desenvolvidas pelo mediador com o intuito de serem utilizadas com pessoas que apresentassem dificuldades para falar, escrever e ler em sua língua. Uma das vantagens em sua utilização é que elas podem ser usadas com um mínimo treinamento, além de serem facilmente personalizadas e ajustadas para indivíduos com diferentes necessidades comunicativas (BHATNAGAR; SILVERMAN, 1999).

Após um período de testes com o aluno surdo, e por intermédio da professora regente, foram percebidas necessidades as quais o mesmo pudesse relatar por meio de classificadores presentes na Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS para que, então, pudesse ser realizado os ajustes necessários para adequada utilização das placas e eficácia na comunicação interpessoal do aluno com a turma.

Para a construção de uma placa de comunicação alternativa, faz-se necessário considerar a seleção de símbolos pictóricos, entre categorias de imagens e seus desenhos.

A escolha destes símbolos pictóricos deve ser semanticamente adequada e possuir relação com as necessidades comunicativas do sujeito em questão, englobando os conceitos mais utilizados cotidianamente no ambiente escolar (BHATNAGAR; SILVERMAN, 1999).

Importante reconhecer que, por meio do uso dos sistemas pictográficos, há uma materialização/corporização da fala que pode ser compartilhada, contemplando mais a participação do outro; mas tal fenômeno, bem como questões específicas acerca da importância do processo interacional para a apropriação da linguagem e a constituição do sujeito têm sido pouco destacados (KRUGER *et al.*, 2017, p.271).

A escolha das imagens adotadas nas placas de comunicação teve referências às atividades que o aluno realizava. Durante a confecção das placas, os demais alunos da turma participaram da elaboração contribuindo com opiniões de ações que envolviam seu colega de turma e eles. Uma ideia que trouxe maior representatividade ao aluno surdo foi em relação ao uso de uma foto de seu rosto, que foi inserida nas ações dos personagens, caracterizando, assim, suas próprias ações por meio dos desenhos contidos nas imagens.

Figura 1. Figuras representativas da prancha de comunicação alternativa



Fonte: Google Imagens²

²Disponível em: <http://marligomesd1704.blogspot.com/2014/08/prancha-de-comunicacao-alternativa.html>. Acesso: 06/07/2020

De acordo com Bhatnagar e Silverman (1999), os símbolos utilizados nas imagens devem ser mantidos de maneira simples, sendo preferível a utilização de desenhos de linha para representarem maior clareza à ação. Com relação ao tamanho, tais desenhos podem ser grandes, à medida em que seja possível sua visualização sem interferências. Para o quantitativo de imagens inerente ao tabuleiro, recomenda-se que uma placa de comunicação tenha entre dez e cinquenta símbolos pictóricos.

Após a concretização da placa de comunicação alternativa, percebeu-se a facilidade quanto a sua utilização, e os benefícios, a longo prazo, que poderiam e puderam prestar ao aluno assistido, o qual, ao tentar comunicar-se com os demais colegas e até mesmo a professora, conseguia estabelecer um estilo de comunicação entendível e de fácil abordagem.

Sistemas de comunicação alternativa, como o apresentado, oferecem uma abordagem prática e, ao mesmo tempo, econômica da comunicação alternativa para pessoas surdas. Os benefícios em se fazer uso dos sistemas de comunicação alternativas relacionam-se ao fato de serem facilmente produzidos e personalizados de acordo com as necessidades individuais de cada sujeito. Além disso, são instrumentos portáteis e substituíveis, que exigem apenas um treinamento simples (BHATNAGAR; SILVERMAN, 1999).

Ao término do segundo semestre letivo, percebeu-se, por meio dos resultados obtidos pelo aluno, determinados avanços, como na questão que concerne ao seu comportamento interpessoal com os demais membros da comunidade escolar, bem como avanços no que tange a sua autonomia.

Algumas limitações podem ser encontradas em virtude da não continuidade de acompanhamento durante o restante do período letivo devido a processos administrativos que impediram a manutenção da contratação de estagiários.

No entanto, até a continuidade da prestação dos serviços educacionais, tanto familiares, quanto colegas de turma, comentavam acerca dos benefícios ocorridos com o aluno em questão, a exemplo, uma maior frequência e interação durante as aulas.

Em algumas atividades, como exemplo, aquelas que envolviam músicas, era necessária a participação direta do intérprete, para que fosse realizada a inclusão do aluno surdo neste contexto pedagógico. Caso houvesse a necessidade de ausência do mediador, o aluno surdo ficaria excluído das atividades, como ocorreu em momentos anteriores a participação e inserção do mediador, como comentou a professora regente, quando a mesma citou que o aluno ficava disperso sem a presença de um mediador acompanhando-no em seu processo educacional.

Todavia, a professora que coordenava a turma buscava sempre traçar meios alternativos que pudessem incluir o aluno às atividades educacionais, como a substituição de músicas que não tivesse legendas em LIBRAS por filmes que trabalhassem mais recursos visual e menos auditivos, e deixando-os no modo silencioso para que todas as crianças pudessem, por algum momento, aproximar-se da realidade vivenciada pelo colega de turma. Ações estas que contribuiriam para uma ainda melhor convivência das crianças ao saberem reconhecer as limitações do outro.

Fica evidente que quando se trata do processo de aquisição/apropriação da linguagem e do conhecimento de pessoas com comprometimentos significativos da oralidade, a CSA é reconhecida como modalidade de linguagem que favorece o estabelecimento das interações dialógicas entre a família, o clínico e o professor e tais pessoas com restrições severas de fala (KRUGER et al., 2017, p.265).

Demonstra-se, assim, a necessidade em se avaliar a usabilidade deste instrumento em sala de aula, e se possível, em outros ambientes aos quais o aluno encontra-se inserido e tenha dificuldades para o diálogo, haja visto que percebeu-se uma melhora na sua comunicação entre outros pares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa pôs a discorrer acerca das experiências obtidas durante o auxílio no processo de inclusão educacional de um aluno surdo que não possui domínio na LIBRAS através da inserção do mediador facilitador, sendo este, um licenciando matriculado nos últimos semestres em cumprimento de estágio não-obrigatório, permissionando um valoroso aprendizado perante as necessidades educacionais de um aluno e suas formas de avanço entre os meios.

A pesquisa também permite a ampliação dos conhecimentos para o meio social sobre o processo de inclusão alternativo de alunos surdos no ensino regular.

A metodologia utilizada serviu para o cumprimento dos objetivos estabelecidos, haja vista que foi seguida e descrita suas principais atividades e discutidas com outros teóricos, sem que houvesse uma grande disparidade de viés ideológico a ser apresentado.

Constatou-se os benefícios obtidos com tal prática e sugere-se a adoção do instrumento trabalhado, tendo em vista que trouxe inúmeros benefícios não somente ao aluno, mas também ao corpo escolar, aprimorando, assim, as percepções nos eixos sociais no que diz respeito à inclusão de alunos surdos.

Mais pesquisas com esta proposta são recomendadas, a fim de que se observe as nuances inerentes ao ambiente escolar e a promoção da educação por meio do mediador ao aluno surdo, uma vez que se tem um escasso campo de atuação de pesquisas com esta temática.

Os dados obtidos apontam a necessidade de mais estudos, que investiguem essa população surda, não usuária de LIBRAS, e as implicações no contexto de aprendizagem e interação em sala.

REFERÊNCIAS

ALMIRALL, C. B.; SORO-CAMATS, E.; BULTÓ, C.R. **Sistemas de sinais e ajudas técnicas para comunicação alternativa e a escrita**: princípios teóricos e aplicações. Livraria Santos Editora; 2003.

BERBERIAN, A. P. et al. A produção do conhecimento em fonoaudiologia em comunicação suplementar e/ou alternativa: análise de periódicos. **Revista CEFAC**. 2009;11(2):258-66

BHATNAGAR, S. C.; SILVERMAN, F. Communicating with nonverbal patients in India: inexpensive augmentative communication devices. **Asia Pacific Disability Rehabilitation Journal**, v. 10, p. 52-58, 1999.

BINGER, C.; LIGHT, J. Demographics of preschoolers who require AAC. **Language, Speech, and Hearing Services in Schools**, 2006.

FERNANDES, S. F. **Práticas de letramento na educação bilíngue para surdos**. Curitiba: SEED, 2006.

KRUGER, S. I. et al . Delimitação da área denominada comunicação suplementar e/ou alternativa (CSA). **Rev. CEFAC**, São Paulo , v. 19, n. 2, p. 265-276, Mar. 2017 .

MASSARO, M.; DELIBERATO, D. Pesquisas em Comunicação Suplementar e Alternativa na Educação Infantil. **Educ. Real.**, Porto Alegre , v. 42, n. 4, p. 1479-1501, Dec. 2017 .

MIRANDA, C. L.; ICD, G. Contribuições da comunicação alternativa de baixa tecnologia em paralisia cerebral sem comunicação oral: relato de caso. **Revista CEFAC**, v.6, n.3, p.247-252. 2004

PEDROSA, G. F. S. The Educational Development of Autistic Students. **International Journal of Innovative Science and Research Technology (IJISRT)**, v. 5, n. 4, 2020.

PEDROSA, G. F. S.; BARROS, L. A. A. Atuação do enfermeiro no acompanhamento do desenvolvimento infantil na atenção básica. *In*: SOMBRA, Isabelle Cordeiro De Nojosa (Org.). **Discursos, saberes e práticas da enfermagem**. 5. ed. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019. Disponível em: <<http://10.22533/at.ed.809192312>>. Acesso em: 26 jun. 2020.

PEDROSA, G. F. S.; BARROS, L. A. A. The Practice of the Nursing Professional in Child Development. **International Journal of Innovative Science and Research Technology**, v. 5, n. 4, p. 1-3, 2020. Disponível em: <<https://www.ijisrt.com/assets/upload/files/IJISRT20APR721.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2020.

QUADROS, R. M. de.; KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. ArtMed: Porto Alegre, 2004.

QUADROS, R.M.; CRUZ,C.R. **Língua de sinais:Instrumentos de avaliação**. Porto alegre:Artmed,2011.

ROCHA, A. N. D. C. **Processo de Prescrição e Confecção de Recursos de Tecnologia assistiva na educação infantil**. 2010. 199 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

ROCHA, A. N. D. C. **Recursos e Estratégias da Tecnologia Assistiva a Partir do Ensino Colaborativo Entre os Profissionais da Saúde e da Educação**. 2013. 210 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2013.

RODRIGUES, S. C. E.; RODRIGUES, S. R.; FERNANDES, E. M. Atendimento Educacional Especial a um Aluno com Síndrome de Down sem Oralização. In: **Anais do Congresso Brasileiro de Comunicação Alternativa**, 4., 2011, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: ISAAC-Brasil , 2011.

SILVA, O. M. Comunicação alternativa: pesquisa e prática. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.14, n; 2. P.327-338. 2010.

TREMBATH, D.; BALANDIN, S.; TOGHER, L.; STANCLIFF, R. Peer-mediated Teaching and Augmentative and Alternative Communication for Preschool-Aged Children with Autism. **Journal of Intellectual & Developmental Disability, Australia**, v. 34, n. 2, p173-186, jun. 2009.

Jogos como uma contribuição positiva ao meio ambiente e sociedade

Fany Pereira de Araújo Soares

Mestre em Ensino na Saúde e Tecnologia
Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas
fany.fpas@gmail.com

Heitor Pereira de Araújo Soares

Especialista em Gestão de Pessoas e Lideranças
Faculdade Santa Helena
heitorsoares@gmail.com

Claudia Cristina Rolim da Silva

Mestre em Ensino na Saúde e Tecnologia
Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas
clarolimsilva@gmail.com

Gabriel Frazão Silva Pedrosa

Mestrando em Educação Física
Universidade Federal do Rio de Janeiro
gabrielpedrosa@ufrj.br

Maurício Dália Neto

Mestre e Doutorando em Ecologia
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
mauricio.dalia@gmail.com

RESUMO: O objetivo deste estudo é descrever uma experiência sobre as percepções na montagem de um jogo como instrumento de alternativas para brincadeiras, feito de maneira simples e ecologicamente correta. Este estudo utiliza uma abordagem descritiva e qualitativa, do tipo relato de experiência. As experiências aqui relatadas são decorrentes do contexto da confecção e filmagem de um instrumento lúdico, caracterizado como jogo. Dentre os comentários de pessoas próximas aos autores que viram o vídeo na plataforma do Youtube, após divulgação do link para amigos e colegas de trabalho, alguns comentários denotam a importância em se realizar tal prática, uma vez que permitiu a aproximação familiar e a propriedade de conscientização popular para avanço nos tópicos de sustentabilidade e meio ambiente. É extremamente importante e salutar que mais ações como essas possam ser difundidas, haja visto que são de baixo custo sua confecção e proporcionam integração familiar.

Palavras-chave: Jogo; Lúdico; Sustentabilidade; Meio Ambiente.

Como citar este trabalho:

SOARES, F.P.A.; SOARES, H.P.A.; SILVA, C.C.R.; PEDROSA, G.F.S.; DÁLIA NETO, M. Jogos como uma contribuição positiva ao meio ambiente e sociedade. In: PEDROSA, G.F.S.; FRANCONI, W.V.; SOARES, F.P.A. **Educação e Ambiente sob uma perspectiva universitária: relatos de experiência**. 1Ed. Volume 2. Editora Colab, 2020. p.29-39.

INTRODUÇÃO

Com os adventos tecnológicos nos últimos anos, principalmente da eletrônica e informática, os jogos eletrônicos tornaram-se ainda mais populares. O videogame, indubitavelmente, passou a ser uma das mais importantes atividades de lazer para crianças, adolescentes e até mesmo adultos, sem levar em conta fatores relacionados aos mais variados estratos socioeconômicos (ABREU *et al.*, 2008).

Com essas mudanças, surgiram também, preocupações no uso de videogames de forma inapropriada. Portanto, a Organização Mundial de Saúde (OMS) quando determinou no ano de 2018 a nova classificação internacional de doenças (CID), incluiu o excesso de utilização de videogames como causa de transtornos patológicos, provocando danos à saúde do indivíduo. Com isso, torna-se necessário a atenção sob o tempo de uso de jogos eletrônicos, por causa de seus efeitos negativos.

Os videogames surgiram no Brasil na década de 70, para que pudessem ser utilizados como instrumento nas horas vagas dos estudantes. Com o desenvolvimento avançado da tecnologia, os modelos e jogos foram sendo então modificados, provocando uma grande variedade de jogos produzidos atualmente, voltados ao público de infantil até aos jovens e adultos. Os consoles, bem como os jogos eletrônicos, evoluíram exponencialmente, contribuindo em partes para o crescimento da indústria de videogames (BATISTA *et al.*, 2007).

Vários estudos relacionam o uso de jogos eletrônicos, com o aumento na facilidade de aprendizado, o desenvolvimento de habilidades cognitivas e motoras, a melhora na capacidade de orientação espacial e até a facilitação da socialização. As vantagens de seu uso têm sido testadas e comprovadas em terapias médicas, incluindo psicoterapias (ABREU *et al.*, 2008, p.157).

Geralmente, os videogames possuem uma ordem de valores diferenciados, com preços de mercado, que em alguns casos não correspondem com a realidade da maior parcela da população, ou seja, nem todos têm o mesmo acesso. Em comparação aos jogos de tabuleiro, do qual não possui uma máquina para substituir a atividade humana, os videogames não impulsionam a aproximação do núcleo familiar ao jogador. Desta forma, a criação de jogos para aproximação da família é algo importante, ainda mais atualmente, uma vez que com a violência e o aumento na movimentação de veículos nas ruas, brincadeiras fora de casa não acontecem com tanta frequência.

Silva (2016, p.15) acredita que a maior desmotivação para os docentes não desenvolverem jogos seria o tempo que é necessário para criação, pois envolve não só a ideia, mas programação, artes e música.

Focando mais especificamente nas questões do meio ambiente e da sustentabilidade, [...] jogos constituem uma opção motivadora e estimulante quando utilizados no cotidiano [...], de maneira a favorecer o desenvolvimento cognitivo e facilitar a construção de consciência ambiental (TREVISAN; NAMEN, 2018, p.1).

A montagem de um jogo permite abrir espaço para a criatividade e, melhor ainda quando essa criação vem valorizando ações ambientais. Segundo Pereira e Curi (2012), com a consolidação do sistema capitalista, a problemática ambiental ganha destaque, devido seu agravado cenário a partir da década de 1980. Haja visto que, com a produção de eletrônicos, muito lixo é produzido e não reutilizado, entre eles estão muitos videogames e celulares. Pesquisas apontam que o meio ambiente está sendo mal explorado pelo ser humano, e apesar dos estudos, não há uma efetiva educação ambiental para os cidadãos com intuito de diminuir tais acidentes naturais causados pelo homem.

Cuidados e ações simples como coleta seletiva e reciclagem não ocorrem com melhor proveito, o que poderia ajudar na diminuição da poluição, além da formação de novas oportunidades de trabalhos aos desempregados, gerando uma renda para ajudar nas despesas e se manter com uma ocupação. Cada material é degradado pela natureza com tempo médio variado, a exemplo, há existência de materiais que possuem tempo de degradação indeterminado.

A justificativa deste estudo pauta-se na necessidade de promover mais discussões sobre a produção de instrumentos lúdicos e funcionais, como também a sua relação com o meio ambiente. Com isso, aqui discutimos sobre processos de valoração ambiental por meio da reciclagem, visando a criação de jogos com a utilização de matérias simples, incentivando ideias que causam aproximação familiar. Assim, para as ciências sociais, torna-se relevante a partir da eventual compreensão da temática; para o ambiente acadêmico, faz permitir uma abordagem ampliada sobre possíveis formas metodológicas a serem empregadas em um ambiente escolar; ao ambiente científico, há a possibilidade de ressignificação dos estudos na área (PEDROSA, 2020).

O objetivo deste estudo é descrever uma experiência sobre as percepções na montagem de um jogo como instrumento de alternativas para brincadeiras, feito de maneira simples e ecologicamente correta.

METODOLOGIA

Este estudo utiliza uma abordagem descritiva e qualitativa, do tipo relato de experiência (PEDROSA; BARROS, 2020). As experiências aqui relatadas são decorrentes do contexto da confecção e filmagem de um instrumento lúdico, caracterizado como jogo.

A ideia deste jogo surgiu a partir de uma proposta de um programa de TV e a base metodológica do presente trabalho decorre da descrição das características obtidas por meio de uma análise minuciosa e descritiva do objeto do estudo.

A confecção e filmagem da prática lúdica ocorreu em 28 de Julho de 2014. Os vídeos foram carregados para a plataforma de vídeos *Youtube* e Educapes. Os vídeos estão disponíveis de forma gratuita para todos os usuários, desde o final de 2015 no Youtube e desde 2018 no portal do Educapes, como versão beta teste, do qual foram produzidos na cidade do Recife (PE). O jogo a ser aqui descrito foi nomeado como PassaBall – nada além de 1 minuto, uma junção entre os idiomas português e o inglês e foi filmada sua execução através de uma câmera de celular.

Com o objetivo de criar um jogo feito com materiais simples e no tempo de 60 segundos para sua execução, foram utilizados os seguintes itens: caixa de ovos com 12 unidades, 12 missangas de tamanho pequeno, 02 palitos de churrasco e um cronômetro.

A função do jogo é transferir bolinhas de missangas para dentro da próxima casinha de ovos, que são as duas fileiras utilizadas na linha horizontal. Essa transferência deve ocorrer através de dois palitos de madeira (churrasco) até chegar ao último espaço da casinha de ovos, nas duas fileiras da caixa.

Cada participante tem o tempo de 1 minuto (ou 60 segundos) para realizar a atividade em uma mesa de apoio ou lugar plano. Vence o jogo quem conseguir terminar em menor tempo a transferência para o espaço final.

Podem jogar crianças a partir dos 7 anos. Não é recomendável para menores de 7 anos por conter partes pequenas que podem ser engolidas. As regras são as listadas acima e as estratégias de jogo ficam a critério dos jogadores participantes. É importante a supervisão de um adulto para evitar algum possível risco, nunca deixando a criança sozinha.

Esta pesquisa atende aos critérios da Resolução nº 510/2016 - CNS (Conselho Nacional de Saúde), que de acordo com seu tipo metodológico de pesquisa não necessita de registro no sistema CEP/CONEP (Comitê de Ética em Pesquisa). Pela sua originalidade, existe a previsão de iniciar a formulação de patente do jogo neste ano vigente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a abertura do vídeo para o público nos sites (Figura 1), foi possível notar através dos números de visualizações o interesse pelo jogo, atualmente com mais de 2.500 visualizações, curtidas e elogios. Além da aprovação de validação do vídeo feito pelos profissionais do portal EduCapes, que é uma plataforma aberta ao público com diversos materiais educativos, bem reconhecida no mercado de trabalho. A criação de um jogo estimula a criatividade do sujeito e a atividade de jogos é um entretenimento no qual pode conduzir a melhora da concentração ou auxiliar no treinamento cognitivo e motor. Toda brincadeira é uma forma de treino em que são necessárias concentração, força, raciocínio lógico e agilidade. A exposição do vídeo tem a meta de estimular terceiros a seguir a prática de montar um jogo ou realizar algum já feito e participar.

Figura 1. Imagem de captura de tela do vídeo demonstrativo.



Fonte: Youtube https://www.youtube.com/watch?v=6RSGji_vmLo&app=desktop

Segundo apontam Clua e Bittencourt (2004), hoje o termo mais correto seria jogos didáticos para aqueles que foram devidamente criados para ensino ou aprendizagem de crianças, jovens ou adultos. Os outros jogos elaborados que não se proponham a tal intenção, mas podem ajudar o aprendiz a desenvolver habilidades como enfrentar situações-problema, construir argumentação, compreender interações entre organismos e ambiente, além de identificar padrões e processos relacionados ao conteúdo em questão são os chamados jogos de entretenimento.

Vale ressaltar que o jogo é uma válida oportunidade de desenvolvimento infantil. A partir do jogo, a criança experimenta, inventa, (re) descobre, aprende e desenvolve habilidades. De tal modo, a inteligência e sensibilidade das crianças encontram-se em pleno desenvolvimento. A qualidade de oportunidades que são oferecidas à criança através de jogos garante que suas potencialidades e sua afetividade se harmonizem. De tal forma, pode-se dizer que o jogo venha a ser extremamente importante, não somente para o que diz respeito a imaginação nas crianças, mas também para auxiliar no desenvolvimento de habilidades sociais e cognitivas (ALVES; BIANCHIN, 2010).

Outro ponto de vista no qual o jogo aqui pode auxiliar é na introdução de gincanas escolares, com novas regras na aplicação do jogo em que as missangas podem ser coloridas e cada um representar pontuações diferentes, estimulando a percepção matemática dos participantes. Segundo o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes - PISA (2018), uma das disciplinas escolares do Brasil que tiveram um baixo rendimento escolar foi a matemática (Ministério da Educação, 2018). Essa baixa proficiência pode ser melhorada também com aplicações de jogos envolvendo ao menos a matemática básica. Desta forma, essa nova introdução do jogo pode vir a se tornar uma boa opção para o ensino-aprendizagem no âmbito da matemática.

Também cabe salientar que a preocupação com o desenvolvimento sustentável se demonstra uma necessidade de políticas públicas ativa para educar as novas gerações, pensando não somente no presente e sim nas futuras gerações, sendo que uma simples atividade com materiais reciclados/reutilizados é importante para o meio ambiente, visto que uma das problemáticas que o Brasil enfrenta é a cultura do desperdício e consumo capitalista de produtos, destaque também para as indústrias porque são poucas as que repassam os produtos com embalagens mais ecológicas.

O estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Ipea (2017) identifica que apenas 13% dos resíduos sólidos urbanos no país vão para reciclagem, porcentagem que não chega nem na metade da estimativa calculada na geração para reaproveitamento e reciclagem que é em torno de 30% a 40% do montante. É importante refletir em uma educação ambiental mais eficiente na qual vai impactar na melhor formação de cidadãos.

Tratativas acerca da sustentabilidade perpassam basicamente pelo reconhecimento das redes de causalidade que venham a coexistir entre o homem, o meio social e a natureza, nas quais a edificação de identidades pessoais que possibilitem a criação “de espaços que ajudem o ser humano a ganhar consciência de si, do outro, do nós e, como resultado, a consciência do mundo” (MALVEZZI, 2017).

A sociedade moderna evoluiu para um modelo familiar meramente prático, haja visto que, vive-se numa sociedade onde pais trabalham, filhos estudam, pouca atividade familiar, insuficiente interação família/escola. Faz-se notório salientar que a formação para cidadania se inicia dentro do ambiente familiar, na interação entre pais e filhos (SOUSA, 2012), sendo primordial no que se refere ao processo de ensino-aprendizagem ter atividades voltadas também para a sustentabilidade.

É importante que a escola e centros educativos virem a ser espaço de oportunidade para ações de mudanças, proporcionando atividades para o envolvimento familiar, construindo, assim, bases para uma boa educação.

Vygotsky (1984) por sua vez, afirma que a aprendizagem acontece de maneira mediada, ou seja, o aprendiz precisa estar em relação com um outro para, na troca intersubjetiva, produzir a solução para o problema. O autor refere-se às potencialidades da criança que, através do ensino, podem ser desenvolvidas. (VYGOTSKY, 1984 *apud* TREVISAN; NAMEN, 2018, p.1).

Dentre os comentários de pessoas próximas aos autores que viram o vídeo na plataforma do Youtube, após divulgação do link para amigos e colegas de trabalho, alguns comentários denotam a importância em se realizar tal prática, uma vez que permitiu a aproximação familiar e a propriedade de conscientização popular para avanço nos tópicos de sustentabilidade e meio ambiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A indústria de videogames no Brasil tem diferenciado suas ofertas a todos os públicos alvos, devido ao crescimento de tecnologias. Porém, é importante observar que o estímulo à criação de jogos simples, que mostra a relevância da sustentabilidade, é essencial para uma educação escolar e familiar, assim como uma contribuição para existir a melhor aproximação entre os membros da casa e a consciência ambiental mais correta.

A criação de jogos vai proporcionar não só a imaginação da criança, mais estimular o entretenimento no lar. Desta maneira, os estímulos e habilidades irão ajudar no desenvolvimento. O vídeo se mostra uma opção de instrumento para divulgação das idéias. Destacamos que é através de espaços que se abre possibilidades de ter oportunidades para melhorar o ensino-aprendizagem.

É extremamente importante e salutar que mais ações como essas possam ser difundidas, haja visto que são de baixo custo de confecção e proporcionam integração familiar.

REFERÊNCIAS

ABREU, C. N. *et al.* Dependência de Internet e de jogos eletrônicos: uma revisão. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 30, n. 2, p. 156-167, 2008.

ALVES, L; BIANCHIN, M. A. O jogo como recurso de aprendizagem. **Revista Psicopedagogia**, ISSN 0103-8486 V.27 N.83 São Paulo 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-84862010000200013&script=sci_abstract. Acesso em: 15 fev. 2018.

BATISTA, M. L. S.; QUINTÃO, P. L.; LIMA, S. M. B.; CAMPOS, L. C. D. C.; BATISTA, T. J. S. Um estudo sobre a história dos jogos eletrônicos. **Revista Eletrônica da Faculdade Metodista Granbery** - - ISSN 1981 0377 Faculdade de Sistemas de Informação - N. 3, JUL/DEZ 2007. Disponível em: <http://re.granbery.edu.br/artigos/MjQ4.pdf>. Acesso em 15 fev. 2018.

CLUA, E. W. G; BITTENCOURT, J. R. **Uma nova concepção para a criação de jogos educativos**. Simpósio Brasileiro de Informática na Educação, 2004 (SBIE). Anais. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/la000001.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2018

IPEA. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=29296. Acesso em: 10 jul. 2010.

MALVEZZI, M. Identidade e Sustentabilidade: os caminhos do homem-fronteira na atualidade. **Revista Psicologia e Sociedade. On line**. Vol.29. ISSN: 1807-0310. Belo Horizonte. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822017000100410. Acesso em 23 fev. 2018.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Pisa 2018 revela baixo desempenho escolar em Leitura, Matemática e Ciências no Brasil.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/83191-pisa-2018-revela-baixo-desempenho-escolar-em-leitura-matematica-e-ciencias-no-brasil>. Acesso em 10 Jul. 2020.

OMS. Organização Mundial de Saúde. **Publicações da OMS.** Disponível em: <https://www.who.int/eportuguese/publications/pt/>. Acesso em 15 fev. 2018.

PEDROSA, G. F. S. The Educational Development of Autistic Students. **International Journal of Innovative Science and Research Technology (IJISRT)**, v. 5, n. 4, 2020.

PEDROSA, G. F. S.; BARROS, L. A. A. Atuação do enfermeiro no acompanhamento do desenvolvimento infantil na atenção básica. *In: SOMBRA, Isabelle Cordeiro De Nojosa (Org.). Discursos, saberes e práticas da enfermagem.* 5. ed. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019. Disponível em: <<http://10.22533/at.ed.809192312>>.

PEDROSA, G. F. S.; BARROS, L. A. A. The Practice of the Nursing Professional in Child Development. **International Journal of Innovative Science and Research Technology**, v. 5, n. 4, p. 1-3, 2020. Disponível em: <https://www.ijisrt.com/assets/upload/files/IJISRT20APR721.pdf>.

PEDROSA, G. F. S.; DIETZ, K. G. A prática de ensino de arte e educação física no contexto da pandemia da covid-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 2, n. 6, p. 103-112, june 2020. ISSN 2675-1488.

PEREIRA, S. S.; CURTI, R. C. Meio Ambiente, Impacto Ambiental e Desenvolvimento Sustentável: Conceituações Teóricas sobre o Despertar da Consciência Ambiental. REUNIR – **Revista de Administração, Contabilidade e Sustentabilidade** – Vol. 2, no 4, p.35-57, Set-Dez/2012. ISSN: 2237-3667. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/297669804_Meio_Ambiente_Impacto_Ambiental_e_Developolvimento_Sustentavel_Conceituacoes_Teoricas_sobre_o_Despertar_da_Consciencia_Ambiental. Acesso em: 21 fev. 2018.

SILVA, Jefferson Gonçalves da. **Plataforma para criação de jogos educativos para usuários não-experientes.** 2016. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

SOUSA, J. P. **A Importancia da família no processo de desenvolvimento da aprendizagem da criança.** Tese de especialização. Fortaleza. 2012. Disponível em: https://apeoc.org.br/extra/artigos_cientificos/A_IMPORTANCIA_DA_FAMILIA_NO_PROCESSO_DE_DESENVOLVIMENTO_DA_APRENDIZAGEM_DA_CRIANCA.pdf.

TREVISAN, J.; NAMEN, A. A. Uma proposta diferenciada de um jogo digital para educação ambiental de crianças. **Educação Ambiental em Ação**, v. 62, 2018.

SOBRE OS ORGANIZADORES E AUTORES

|Organizadores|

Gabriel Frazão Silva Pedrosa

Mestrando em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. É membro do Grupo de Estudos em Formação Docente e do Grupo de Extensão em Educação e Saúde da Faculdade das Américas - FAM. Atua com pesquisas na área de Educação e Ciências.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3978168349590651>

William Velozo Francioni

Mestrando em Linguística Aplicada na Universidade de Taubaté (UNITAU). É Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais - Português (TILSP). Tem experiência na área de educação, com ênfase em educação de surdos, tradução e interpretação.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5029548568630432>

Fany Pereira de Araújo Soares

Mestre em Ensino na Saúde e Tecnologia pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas. Tem experiência em Laboratório de Análises Clínicas e em Docência.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2341912463263978>

|Autores|

Claudia Cristina Rolim da Silva

Mestre em Ensino na Saúde e Tecnologia pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas. Tem experiência em Educação e Saúde Coletiva. Atua como Enfermeira da Estratégia de Saúde da Família.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7065104512177970>

Erliandro Félix Silva

Mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté. Atua como professor no curso de extensão EaD em Libras da Universidade Federal Fluminense (UFF) e Tutor do curso de extensão em Libras na Universidade Feral do Rio de Janeiro (UFRJ). Também é membro do grupo de pesquisa Ubuntu da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1202927239516016>

Heitor Pereira de Araújo Soares

Especialista em Gestão de Pessoas e Lideranças pela Faculdade Santa Helena. Tem experiência nos campos da Educação, Educação a Distância (EAD) e em Educação de Jovens e Adultos (EJA). Atualmente é Assistente Administrativo na Gerencia de Cultura Do departamento de Programas Sociais (DPS) no SESC - Administração Regional de Pernambuco (PE).

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2039813292682986>

Karin Gerlach Dietz

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atualmente trabalha no Centro Universitário FAM, como professora universitária, e na Rede Municipal de São Bernardo do Campo, como professora de Educação Básica, Ensino Fundamental.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4018990353136525>

Mauricio Dália Neto

Doutorando em Ecologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Possui experiência em sala de aula, consultoria e planejamento ambiental, técnicas computacionais em Ecologia de Comunidades e Sistema de Informação Geográfica.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9937259951680948>

Mônica Coelho Sant'Ana

Especialista em Neuropsicopedagogia pela Universidade do Norte do Paraná. Tem experiência em Neuroaprendizagem.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5024417881483719>

Warley Almeida Santos

Mestre em Ciências pela Universidade Federal do Estado de São Paulo. Tem formação e experiência em Libras e Educação para Surdos. Atua em pesquisas nos seguintes temas: Educação de surdos, ensino de Língua Portuguesa para surdos e educação especial.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2428972452676996>

ÍNDICE

análise de conteúdo, 21

atividades adaptadas, 11

comunicação alternativa, 6, 16, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 27, 28

educador, 11, 12

facilitador, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 26

formação inicial e continuada, 14

inclusão, 8, 11, 15, 20, 22, 25, 26, 27

LIBRAS, 18, 19, 20, 22, 25, 26

limitações, 8, 12, 14, 19, 22, 25, 26

linguagem, 19, 23, 26

mediação, 10, 12, 15

mediador, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 14, 15, 20, 22, 25, 26, 27

metodologias, 9, 18

necessidades educacionais especiais, 15, 21

processo sócio interacional, 12

relato de experiência, 9, 20, 33

sala de aula, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 20, 22, 26

surdos, 18, 26, 27, 28

TEA. *Consulte* Transtorno do Espectro Autista

Transtorno do Espectro Autista, 6, 7, 8, 9, 10, 13, 14.